



www.cddmoz.org

PLATAFORMA DE PAZ E SEGURANÇA DE CABO DELGÁDO



<https://multimedia.europarl.europa.eu>

Sábado, 11 de Novembro de 2023 | Ano 2, n.º 34 | Director: Prof. Adriano Nuvunga | Português

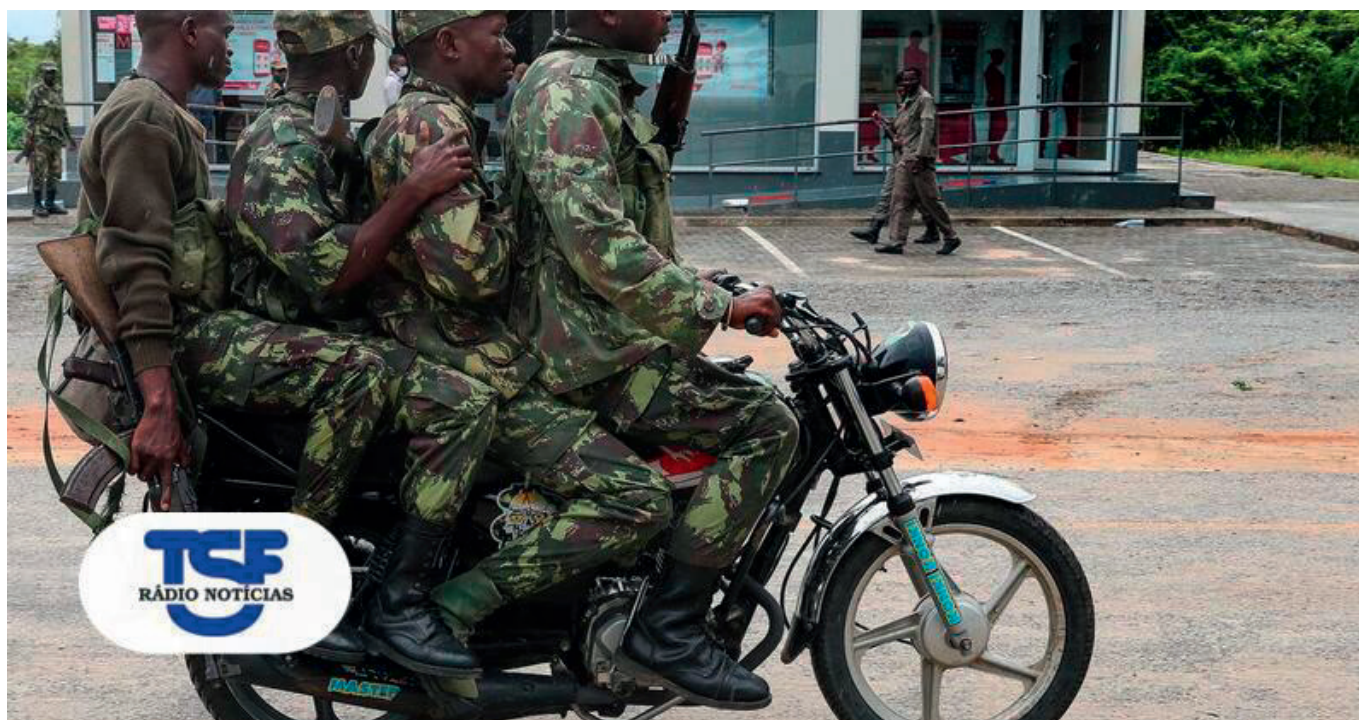
RESPOSTA AO EXTREMISMO VIOLENTO NO NORTE DE MOÇAMBIQUE

Teatro Operacional Norte (TON) sem comida enquanto o Exército Ruandês compra alimentos e consciências em Cabo Delgado

- Não é difícil notar a aceitação que o exército ruandês afecto na luta contra o extremismo violento goza perante a população da província de Cabo Delgado. Assim como é fácil notar que a forma como o exército moçambicano tratou a população no início do conflito permitiu que se criasse uma repulsa pela sua actuação, sobretudo em Mocimboa da Praia. Aliás, um olhar atento mostra a diferença abismal dos níveis de organização e de moralização das duas forças. Por um lado, o exército moçambicano debate-se com atrasos salariais, incluindo retroactivos e falta de comida nos quartéis, por outro lado, as tropas ruandesas apresentam-se bem organizadas e optam, muitas vezes, por fazer compras em mercados locais, o que lhes permite maior penetração nas comunidades e conseqüente fortalecimento do estatuto de “salvadores” da província.



Fonte: Folha de Maputo



Fonte: Rádio Notícias - TSF

Introdução

Depois da entrada das Forças do Ruanda (RF) e da Missão da SADC em Moçambique (SAMIM) no Teatro Operacional Norte (TON), as condições de combate ao extremismo violento na componente militar melhoraram significativamente, mas deixaram marcas na forma abusiva como as Forças de Defesa e Segurança (FDS) tratavam a população de Mocímboa da Praia e de outros distritos directamente afectados pelo conflito.

É preciso recordar que a entrada das tropas ruandesas para apoiar o Estado moçambicano na luta contra o extremismo violento está longe de ser consensual. Apesar de terem ajudado a libertar zonas que antes da sua entrada tinham sido tomadas pelos extremistas violentos, os custos ainda desconhecidos que os cidadãos estão ou podem incorrer no pagamento da factura preocupa uma franja significativa e crítica da sociedade.

Não é para menos. Os contornos da entrada das tropas ruandesas não são conhecidos, nem

pela Assembleia da República, uma vez que as conversações foram e continuam a ser conduzidas directamente pelo Presidente da República de Moçambique e o seu homólogo ruandês.

Entretanto, num contexto agravado pela eminente saída da SAMIM, o exército moçambicano ainda se debate com problemas básicos, como falta de fornecimento de comida aos quartéis e posições do Teatro Operacional Norte (TON), que contrastam, de longe, com a organização e pujança financeira que o exército ruandês apresenta e que o permite fazer compras, apoiar a população no processo de reconstrução e criar laços a nível local, principalmente nos distritos do norte de Cabo Delgado.

Este texto pretende mostrar como as fragilidades das tropas nacionais estão a ser aproveitadas pelo exército do Ruanda para consolidar a sua presença e influência num território onde maioritariamente se fala a língua suahili, de perfeito domínio dos ruandeses.

Como o exército do Ruanda se aproveita das fragilidades das Forças moçambicanas para se consolidar em Cabo Delgado?

Das fragilidades de Moçambique

Esta semana, a Integrity Magazine noticiou que “em quase todos os quartéis nacionais e inclusive as unidades militares presentes no Teatro Operacional Norte (TON), na província de Cabo Delgado, estão com déficit de comida, por causa de dívidas avultadas aos fornecedores que há mais de seis meses não têm recebido os devidos pagamentos”. O Jornal observa ainda que o assunto pode estar relacionado com uma estratégia de sabotagem interna contra a liderança do Exército moçambicano devido ao seu engajamento no desenvolvimento e revitalização das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM).

Entretanto, este é apenas um assunto recente. Desde o princípio do conflito, as dificuldades sentidas pelo exército moçambicano fizeram com que os extremistas violentos ocupassem vilas-sedes de distritos como Mocímboa da Praia, Palma, Quissanga e Macomia. Como resposta, num primeiro momento recorreu-se a empresas de mercenários e, mais tarde, à SAMIM e ao exército ruandês.

No ano passado, cerca de sete mil militares

fantasmas foram descobertos nas fileiras das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM), após a realização da prova de vida. Trata-se de um escândalo que envolve altos quadros das FADM, cujo desfecho até agora não é público. A descoberta dos militares fantasmas, que engrossavam a folha salarial do exército, teve lugar num momento crítico das FADM, quando recebiam apoio de outras tropas para combater o extremismo violento, o que demonstrava, de alguma forma, a falta de comprometimento das altas patentes com o conflito em curso. Isto é evidenciado pelo facto de o despoletamento do caso dos salários dos sete mil militares fantasmas mostrar que os valores eram canalizados para altos quadros das FADM. A prova de vida feita aos militares, que ajudou a estampar o esquema, tinha o objectivo de verificar as razões por detrás do défice de efectivo, no momento da rendição das sub-unidades do Teatro Operacional Norte (TON).

Mais grave ainda foi a forma como as FADM trataram a população no início do conflito. Casos graves de violação de direitos humanos



Fonte: Notícias ao Minuto

e do direito internacional humanitário foram reportados, envolvendo o exército moçambicano. Estes comportamentos levaram a que uma pequena franja da população de Mocímboa da

Praia, por exemplo, aparecesse a apoiar os extremistas violentos e, mais tarde, a preferir que a defesa do território fosse feita pelas tropas ruandesas.

Penetração e consolidação das tropas ruandesas em meio às fragilidades

Desde a entrada do exército ruandês, o conflito em Cabo Delgado ganhou outro rumo. As tropas ruandesas não somente recuperaram os territórios ora tomados, melhoraram a relação entre a população e os actores de segurança, assim como ficou notória a redução de ataques dos extremistas violentos no perímetro onde estão estacionados.

Para além do domínio da língua suahili, falada por uma franja significativa da população no norte de Cabo Delgado, rapidamente os ruandeses ganharam espaço junto à população por se envolverem no seu dia-a-dia, incluindo apoio na reconstrução de infra-estruturas sociais, como o caso do Mercado Municipal de Mocímboa da Praia. Adicionalmente, as tropas ruandesas compram mantimentos nos mercados locais, o que facilita a interacção e criação de laços afectivos com os vendedores e as comunidades locais.

Em Mueda, através de entrevistas realizadas pelo CDD, soube-se que existe uma crença

generalizada de que, se as comunidades não se tivessem organizado e criado a Força Local, a vila de Mueda teria sido invadida pelos terroristas, aludindo às fragilidades das FADM. Como destaca um membro da Força Local: “Aqui (Mueda) poderiam ter entrado, mas não conseguiram devido aos esforços das comunidades locais que resistiram, organizaram-se e criaram a Força Local e pediram armas para se defender”. Do mesmo modo, outro membro da Força Local relatou que: “Capturávamos pessoas que vinham fazer reconhecimento e mandávamos para o quartel das FADM. Se não tivéssemos criado a Força Local, a vila de Mueda teria sido destruída. Sem a Força Local, ninguém estaria vivo em Mueda. A Força Local é defensora de Mueda. Até os ruandeses disseram que Mueda estava seguro, porque viram o nosso trabalho”.

Localmente, acredita-se, de igual forma, que a chegada das tropas ruandesas também contribuiu para a segurança de Mueda. As percepções locais revelam que sem a presença de



Fonte: Diário Económico

militares ruandeses a situação estaria pior. “Os terroristas têm medo dos ruandeses. Esses das FADM quando veem os terroristas deitam armas e fogem”.

A falta de confiança nas FADM é tal que a Força Local coordena as suas operações com as tropas ruandesas. “Estamos a trabalhar bem com eles. As operações não são conjuntas, cada grupo sai para fazer operações, mas mantemos a comunicação. Só não há comunicação com as FADM. Mesmo nas cancelas, não trabalhamos com as FADM. Não há confiança. Eles querem roubar os bens da população. Nós estamos a defender a população.”

Em Mocímboa da Praia, alguns entrevistados chegaram mesmo a afirmar que, caso as tropas ruandesas deixem o distrito, eles se mobilizarão para sair de seguida. Pesam para isso os traumas ainda “frescos” da acção das tropas moçambicanas no período entre o conflito e o início do retorno da população deslocada para as suas zonas de origem.

Considerações Finais

O presente artigo procurou mostrar como o exército ruandês chegou para ajudar Moçambique e acabou ganhando um papel de destaque na resposta ao extremismo violento em Cabo Delgado. O exército do Ruanda é mais valorizado em comparação com as tropas moçambicanas que enfrentam grandes problemas de organização e logística, fragilizando a sua acção nos distritos afectados pelo conflito.

Outrossim, os abusos de direitos humanos protagonizados em Mocímboa da Praia pelas

Em Junho do ano corrente, as FDS, concretamente a Unidade de Intervenção Rápida (UIR), foram acusadas de graves violações de direitos humanos em Mocímboa da Praia. Os munícipes locais acusaram os agentes da UIR, posicionados no quartel de Pamunda, de terem executado três civis. Os agentes da UIR interpelaram as vítimas no bairro Pamunda, por volta das 19h00, e exigiram os seus telemóveis, uma solicitação que foi recusada. Em reacção, os agentes da UIR dispararam à queima-roupa contra os três civis.

As vítimas incluem um professor que fazia parte dos funcionários e agentes do Estado que foram obrigados a regressar a Mocímboa da Praia por ordens do Governo distrital, que ameaçava tomar medidas contra todos os que não se apresentassem nos seus locais de trabalho nas datas previamente estabelecidas. A situação levou a que alguns líderes locais fossem apresentar a sua preocupação, relacionada com a insegurança, ao Administrador do Distrito de Mocímboa da Praia.

tropas moçambicanas levam a população a optar por ser defendida pelas tropas ruandesas, que nutrem toda a confiança das pessoas. Ademais, em termos logísticos, o exército moçambicano passa actualmente por crise de alimentação nas posições do Teatro Operacional Norte e um pouco por todos os quartéis, ao passo que as tropas ruandesas fazem compras nos mercados locais onde interagem com a população, criando oportunidades de comprar igualmente as consciências das pessoas.



Construindo uma sociedade democrática que promove, protege e respeita os Direitos Humanos.

Building a democratic society that promotes, protects, respect human rights & transform people's lives.

INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – Centro para Direitos Humanos
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Autor: CDD
Layout: CDD

Contacto:
Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
Telefone: +258 21 085 797

 CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: <http://www.cddmoz.org>

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

